



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO, E O USO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS ALTERNATIVOS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS.

José Arthur da Silva Santos; Wagner Soares de Lima; José Fábio Boia Porto

*Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca, Av. Manoel Severino Barbosa, s/n,
Bom Sucesso, 57309-005 Arapiraca – Alagoas.*

** arthur.ufal@gmail.com*

Resumo:

Estágio Supervisionado são atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao futuro campo de trabalho, tratando-se de Licenciatura, o objetivo é prepará-los para o exercício do magistério em determinada área de ensino. O presente trabalho é um relato de experiência vivenciada em estágio curricular da formação docente em Química, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, transcorrido em uma turma de 6º Ano da Escola Estadual 30 de Outubro localizada em Arapiraca-AL. A bibliografia revisada de alguns autores como: Perelló, Freitas, Pimenta e Brzezinski subsidiaram a reflexão sobre como a regência pode se tornar oportunidade para compreender e analisar cada passo da prática pedagógica e dessa forma avaliar e identificar os problemas, buscando assim soluções. Isso posto, na busca por uma educação transformadora, uma inquietude surge: a necessidade de um redimensionamento das práticas de ensino-aprendizagem no espaço escolar, entre as relações professor-aluno-escola. Para o contexto observado, esse redimensionamento foi instrumentalizado por uma proposta de intervenção, que se utilizou, em sala de aula, de experimentos de baixo custo e da leitura de imagens como recursos didáticos para o ensino de Ciências. Constatou-se que o uso de ambos quando feito de forma correta pelo professor, permite ao aluno, uma compreensão mais integrada dos conteúdos, possibilitando a construção de conhecimentos de forma mais significativo.

Palavras-chave: aprendizagem.conhecimento.ensino

1 – INTRODUÇÃO



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Por meio do estágio supervisionado, é proporcionada ao futuro docente a oportunidade de ampliar os conhecimentos fornecidos e construídos durante a graduação, configurando-se como importante locus de construção dos saberes docentes tendo em vista, sua característica como espaço de interlocução entre a universidade e o contexto da educação básica, passando a ser compreendido como um espaço que possibilita a construção e a reconstrução de sentidos, já que nesse momento, normalmente, ocorre uma (re)aproximação do licenciando com a realidade escolar, deixando transparecer em suas ações, suas concepções e crenças trazidas de sua formação acadêmica (PAULA, 2009).

E com o objetivo de agregar e atribuir subsídios à futura carreira profissional dos estagiários licenciados, apresentando-se como um momento indispensável capaz de apresentar elementos formativos para a futura atuação como professor, o mesmo é considerado um momento oportuno por permitir que os futuros professores tenham a possibilidade de se apropriarem da compreensão da complexidade que compõem as práticas institucionais, prevendo uma melhor preparação para sua inserção profissional. Além disso, o estágio tem uma função social: a de integrar o acadêmico no mercado de trabalho, como profissional e como cidadão consciente e crítico (PERELLÓ, 1998).

Da mesma forma a prática de estágio supervisionado torna-se um fator importante, pois leva o futuro professor a refletir e a perceber a realidade da escola, observando assim, os aspectos físicos, o corpo docente, a didática do professor em sala de aula, como se deu a sua formação, analisando o domínio ou despreparo do docente; e sua forma de avaliar em sala de aula e a relação professor-aluno. Mas não é só isso, o relatório serviu como uma experiência importante no processo de formação acadêmica, sendo o mesmo indispensável para um bom profissional. O estágio, é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia” (PIMENTA E LIMA, 2004). Além de possibilitar, aos futuros professores, a interação com o campo de atuação, o mesmo caracteriza-se como um momento, que permite a ampliação e análise dos contextos, onde os estágios se realiza. Pois segundo (MAFUANI, 2011). O Estágio Supervisionado baseia-se em um treinamento que possibilita aos estudantes vivenciarem o que aprenderam durante a graduação.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Seguindo nesse pressuposto, Pimenta refere-se a essa atividade com o caráter indissociável entre teoria e prática, “tendo por base a concepção do professor como intelectual em processo de formação e a educação como um processo dialético de desenvolvimento do homem”, e essa visão mais contextualizada historicamente “abriu espaço para um início de compreensão do estágio como uma investigação das práticas pedagógicas nas instituições educativas”.

A partir daí, podendo usufruir da teoria que é uma proposta para entender a realidade da comunidade escolar analisada, favorecendo uma integração da universidade com as escolas, na qual será mútua a troca de saberes, onde ambas as partes verificarão benefícios que lhe serão propostos. E ainda no âmbito de um ambiente educacional colaborativo, poderá ser notado nessa interação um suporte para a formação dos futuros educadores, indo de encontro a perspectiva de que o aprendizado que os alunos universitários irão adquirir analisando outros docentes, com mais prática de atuação, por outro lado a escola e os segmentos que a compõe também são beneficiados nessa relação, que irá contar com novos olhares para o modo de funcionamento do ambiente escolar. Dessa forma, o estágio deverá ser desenvolvido em uma perspectiva de integração entre a teoria e a prática, pois é consenso entre muitos autores que a relação teoria-prática se constitui como o núcleo integrador da formação do educador, sendo concebida como unidade indissociável (BRZEZINSKI, 1996; FREITAS, 1996; PIMENTA; LIMA, 2004).

2 – METODOLOGIA

Com a sistematização da intervenção do estágio no Ensino Fundamental, na Escola: Estadual 30 de Outubro, e através da construção e desenvolvimento de Projetos de intervenção no campo de estágio, como ponto inicial, procurou-se identificar os problemas enfrentados e vivenciados pelo professor naquela turma durante os momentos de sala de aula, problemas esses voltados para o processo de ensino e aprendizagem; e por meio dessas observações, foram traçadas ações e feitos com o objetivo para solucioná-los. O estágio foi desenvolvido em dupla com carga



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Horária Total: 2 horas de observação + 20 horas/aula em uma turma 6º ano com a disciplina de ciências no período, entre Novembro a Fevereiro sobe a observação da professora vigente.

Parte dos alunos daquela sala são oriundos dos bairros periféricos ou distantes, tendo número expressivo de alunos com idade defasada em relação à série, trazendo consigo uma grande desmotivação. Após as primeiras horas de observações, foram coletados dados da realidade daquela turma, e assim, desenvolvemos e executamos um projeto de intervenção sobre educação ambiental baseado nas aulas ministradas. Essas aulas e projeto tinham como objetivo a conscientização para problemas ambientais entre elas a *poluição do ar*, sendo um dos objetivos desenvolver hábitos e atitudes sadias de conservação do ar em respeito ao meio ambiente, ajudando-os a identificar problemas prejudicial ao meio ambiente causado pelo à ação homem, e meios de como diminuir esses impactos, desenvolvendo assim o senso crítico dos alunos através dos diálogos com o intuito de gerar mudanças de atitudes.

De acordo com a Lei 9.795/99,

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (LEI 9.795, 1999, art. 1º).

O projeto realizado foi voltado para a realidade dos alunos, vinculado aos conteúdos abordados naquele período entre eles tipos de *poluição*. E como recursos para reforço desse projeto e das aulas, utilizamos vídeo no primeiro momento onde foi mostrado alguns tipos de poluição relacionados aos gases que poluem as cidades, as doenças causadas dentro outros. Após essa abordagem foi solicitado à criação de cartazes com figuras e imagens relacionadas ao conteúdo, onde cada grupo explicou significado de cada imagem. A partir dessa prática, identificamos a utilização *de* imagens como um auxiliar para processo de ensino e aprendizagem e para a construção dos conhecimentos nas aulas de ciências. Pois as mesmas desempenham um importante papel pedagógico no processo de ensino-aprendizagem dos conceitos científicos e das mais diversas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ordens, despertando o prazer visual e mostrando que, uma imagem vale mais do que mil palavras. Mendonça Filho e Tomazello (2002), acabam complementando a nossa ideia quando afirmam que as imagens primam por seu potencial em transmitir conceitos, processos e relações entre eles, muitas vezes de forma mais eficaz que a linguagem verbal.

A linguagem visual pode auxiliar a aprendizagem por sua capacidade de mobilização e estímulo dos sentidos, ainda que ela sozinha não leve obrigatoriamente à compreensão do conceito (CARNEIRO, 1997). Porém é necessário que o professor deve auxiliar o aluno na leitura das mesmas, pois a imagem por si só não pode ser considerada uma fonte de aprendizagem. Pesquisas como as de Silva (2004), Cassiano (2002), Martins (1997), Amador e Carneiro (1999), entre outras, mostram que a leitura das imagens precisa ser ensinada. Sendo assim a intervenção do professor nesse processo tem um papel indispensável na maneira como esses recursos podem mediar a produção de sentidos pelos estudantes. Para Carneiro, Dib e Mendes (2003) defendem que as imagens desempenham um papel importante no processo de ensino e de aprendizagem. Sendo, portanto, imprescindível que durante as aulas de ciências as imagens sejam exploradas pelo professor juntamente com os estudantes, pois o domínio do processo de leitura das imagens pelo estudante tem relação direta com a aprendizagem de conhecimentos científicos.

É verdade que toda imagem passa uma mensagem, mas o seu uso na sala de aula, como um suporte à aprendizagem dos conhecimentos científicos e tecnológicos deve ser “orientado”, caso contrário a interpretação do fenômeno ou objeto estudado pelos alunos pode ser muito distante do consenso científico vigente. Para Cassiano (2002), as imagens, na sua dimensão pedagógica, não podem ser vistas apenas como “figuras que embelezam e ajudam a vender um livro”, mas como forma de linguagem que pode contribuir para a aprendizagem de conceitos científicos e para a otimização da dinâmica de comunicação em sala de aula.

Sendo assim, foi solicitado que todos os alunos trouxessem cartolinas, revistas e livros velhos para a confecção cartazes, e logo depois a confecção e apresentação foram realizadas em duas aulas. Essas apresentações foram feitas simplesmente com a leitura das imagens, onde os alunos criavam seus próprios conceitos e definições de forma concretas e de acordo com o conteúdo. Aula seguinte, cada equipe explicou o que havia pesquisado e apresentou para turma, foi um momento muito produtivo, no qual muitos poderão demonstrar o que realmente sabiam, pois



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

muitas vezes no momento da aula não interagiam e com a pesquisa e a leitura daquelas imagens foi possível observar o quanto cada um se desenvolveu na atividade, os mesmos explicaram o que tinham pesquisado na região onde moravam, e como poderiam evitar alguns tipos de poluição e o quanto isso agravava a saúde do ser humano. Assim, por meio dessas práticas percebemos o quanto o Estágio Supervisionado contribuiu permitindo a termos uma nova visão sobre o uso de novas metodologias, entre elas a importância da leitura de imagem para o desenvolvimento da estrutura cognitivo dos alunos daquela instituição e um avanço na nossa formação. Em outros momentos das aulas, fizemos também a utilização de experimentos simples com materiais de baixo custo com um meio investigativo, relacionando-os com os conteúdos com o objetivo de chamar a atenção dos mesmos, pois acreditamos que o uso desses recursos proporcionam uma maior interação entre os alunos, causando inquietações e reflexões neles, levando-os a procurar respostas às perguntas feitas por eles mesmos, ampliando e modificando suas explicações para fatos e fenômenos das ciências da natureza que vivenciam. Conforme Bachelard (1938), “todo conhecimento é resposta a uma questão”, o que nos permite ressaltar a importância para as séries iniciais das atividades experimentais no processo de (re) construção de conhecimentos científicos, conforme destacou Carvalho et al (1998).

As atividades experimentais desenvolvidas no campo escolar, suscitam muitas questões, uma delas é o impacto que as mesmas exercem no aluno, contribuindo assim para um maior envolvimento do aluno no desenvolvimento dos conteúdos da disciplina de ciências ou em outra qualquer disciplina. E de acordo com Calor e Santos (2004, p.60), ao assumir o ensino de ciências numa perspectiva dinâmica desde o preparo da aula até a sua exposição: “o professor aproximará o aluno do processo de construção da ciência, levando-o a desenvolver uma concepção própria do mundo natural sem perder a noção dos princípios científicos”. Nessa perspectiva, concretizada através das experiências, o aluno é levado a participar do processo de investigação, a manipular materiais e instrumentos, a organizar suas observações e a compreender conceitos científicos básicos. Assim a presença de imagens em textos didático-científicos tem sido objeto de estudo de educadores em ciência, sob uma variedade de perspectivas que incluem a interpretação e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

compreensão da imagem, sua legibilidade, seu potencial como auxiliares na aprendizagem e memorização de conceitos (MARTINS; GOUVÊA; PICCININI, 2005; SILVA; MARTINS, 2008).

3-RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo (BIZZO, 1998) a educação em Ciências deve proporcionar aos estudantes a oportunidade de desenvolver capacidades que neles despertem a inquietação diante do desconhecido, buscando explicações lógicas e razoáveis, levando os alunos a desenvolverem posturas críticas, realizar julgamentos e tomar decisões fundamentadas em critérios objetivos, baseados em conhecimentos compartilhados por uma comunidade escolarizada. E Diante dessas indagações e com o intuito de unir elementos considerados fundamentais no ensino de ciências nas series iniciais o uso de práticas experimentais vem sendo apontando por muitos autores e professores para a necessidade de incluir em suas atividades experimentais como uma tentativa de superar uma concepção de ciência ultrapassada e que há muito tempo vem sendo criticada pela ciência.

Com o intuito de realizarmos, experimentos em nossas aulas devemos realizamos alguns julgamentos pessoais sobre como agir, avaliando vários aspectos, entre eles os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, permitindo o professor estabelecer relações com o conteúdo. E pensando nisso, a experimentação de cunho investigativa é considerada por muitos autores a mais apropriada em diversas situações por não trazerem respostas prontas fazendo com que os alunos elaborem suas próprias hipóteses e modelos.

Já a experimentação investigativa, por sua vez, visa obter informações que subsidiem a discussão, reflexão, ponderações e explicações, de forma que o aluno compreenda não só os conceitos, mas a diferente forma de se pensar e de se falar sobre o mundo por meio da ciência. (FRANCISCO JUNIOR, 2010, p.206)

Assim, durante a realização dos experimentos, foram lançadas perguntas onde os alunos fazendo indagações sobre o que havia ocorrido em cada momento. Nesses momentos várias hipóteses foram lançadas por eles, incidindo discussões muito proveitosa com a turma, onde cada um escreveu em seu caderno suas hipóteses, após a realização dos experimentos. Foi abordado



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

alguns fenômenos, dentre eles o da combustão para esclarecer o que realmente tinha ocorrido isso aconteceu apenas no final de toda discussão, pois o intuito era que eles tivessem suas hipóteses e tentassem explicar o que estava ocorrendo, mesmo que fossem hipóteses equivocadas, mais que pensassem sobre o fenômeno. Ao final foi entregue para cada um uma atividade sobre os experimentos, pois nas perguntas era solicitado que eles explicassem qual o erro inicial que eles cometeram ao lançar a hipótese, uma explicação breve apenas para o que observamos se eles conseguiram entender não apenas o fenômeno mais o conteúdo que estava sendo abordado. E por meio dessas práticas, desenvolvemos cada atividade e aula, levando os alunos a compreenderem os conteúdos, sendo considerada todas de cunha avaliativos e executadas de acordo o projeto pedagógico da escola. E o melhor é que não encontramos nenhuma dificuldade durante período do estágio.

4- CONCLUSÃO

Diante de todo esse período de observação e regência, foi possível fazer uma grande articulação entre teoria e prática possibilitando uma reflexão maior de acordo com o cotidiano escolar contribuindo fortemente para a construção de habilidade e de como refletirmos sobre a organização da atividade pedagógica, permitindo a construção de uma visão mais ampla e transparente na formação dos futuros, levando-nos a termos uma postura docente mais comprometida com a educação escolar.

Diante disso, a nossa aproximação com a futura realidade profissional, nos levou a buscarmos primeiramente mediar o conhecimento teórico com a prática, o que não pode andar desvinculado, constituindo uma oportunidade para o aluno/professor exercitar a reflexão superando a dicotomia entre teoria e prática, tendo a oportunidade de construir saberes e se aperfeiçoar nessa construção. Perante o nosso compromisso com aquela turma, em buscar novas maneiras de intervir junto aquelas dificuldades e necessidades dos alunos, observamos que as mesmas quando desenvolvidas proporcionaram aos alunos uma compreensão mais integrada, ajudando-os assim na construção de novos conhecimentos de forma significativo, possibilitando uma melhor compreensão nos termos de conhecimentos com a estreita relação com o seu dia a dia, por meio de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estratégias pessoais e coletivas de identificação e na resolução de problemas, levando os mesmos a terem uma participação ativo no seu processo de aprendizagem, desenvolvendo habilidades condizentes com a prática do mundo ao seu redor.

4 - REFERÊNCIAS

BIZZO, N. **Ciências: fácil ou difícil**. Ed. Ática, São Paulo, SP, 1998.144p.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: Busca e Movimento**. Campinas, Sp: Papyrus, 1996.

CASSIANO, W. S. **Análise de imagens em livros didáticos de Física. Brasília**. 2002. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

CASSIANO, W. S. **Análise de imagens em livros didáticos de física**. 2002. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

CARNEIRO, M. H. da S.; DIB, S. M. F.; MENDES, J. R. de S. **Texto e imagens no ensino de ciências**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 4., 2003, Bauru. Anais...Bauru: APRAPEC, 2003

CALOR, Ricardo Adolfo; SANTOS, Charles Morply **Dias dos. Filosofia e ensino de ciências: uma convergência necessária**. Revista Ciência Hoje. RJ, v. 35, n.210, p.59-61, nov. 2004. Mensal.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org). (1998). **Ciências no Ensino Fundamental: o conhecimento físico**. Scipione.

CARNEVALLE, Maíra Rosa. **Jornadas. Cie – Ciência**, 6º ano. 2.ed. – São Paulo: Saraiva,2012.

CARNEIRO, M. H. S. **As imagens no livro didático**. In: Encontro de Pesquisa em Ensino de Ciências, 1. Águas de Lindóia (SP). Atas ..., 1997, p. 366-373.

FREITAS, H. C. L. de. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão Ambiental na Educação**. 8. ed. São Paulo: Papyrus, 1995.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MARTINS, I. **O papel das representações visuais no ensino-aprendizagem de ciências.** In: ENCONTRO DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS, 1., 1997, Águas de Lindóia (SP). Atas ..., 1997, p. 366-373.

MARTINS, I.; GOUVÊA, G.; PICCININI, C. L. **Aprendendo com imagens.** *Ciência e Cultura*, v. 57, n. 4, p. 38-40, 2005.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário.** Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>. Acesso em: 20 Fev. 2015.

MENDONÇA FILHO, J.; TOMAZELLO, M. G. C. **As imagens de ecossistemas em livros didáticos de ciências do ensino fundamental e suas implicações para a educação ambiental.** *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Porto Alegre, v. 9, p. 152-158, 2002

PAULA, G. S. **Novos sentidos para velhas questões: limites e possibilidades de uma proposta de ensino desenvolvida durante o estágio supervisionado em ciências.** In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2008. Florianópolis. Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ISSN: 21766940, 2009.

PERELLÓ, J. S. **Pedagogia do estágio.** Belo Horizonte, Editora PUC; Minas Gerais: CIEE/MG, 1998.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria do S. L. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário.** Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

<http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>. Acesso em: 03 set. 2012.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão Ambiental na Educação**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 1995.

SILVA, H. C. **Lendo imagens na educação científica: construção e realidade**. Pro-Posições, v. 17, n. 1 [49], p. 71-83, jan. /abr., 2006